



A Verdade

ANO LXIX - Nº 548 - Janeiro / Fevereiro de 2022

Revista Maçônica



Maçonaria em Tempos de Crise Sanitária Universal

◆ Tolerância *versus* Conivência ◆



Iniciamos o ano de 2022 com excelentes expectativas, uma sensação diferente daquela que experimentamos nos últimos dois anos devido à pandemia e a todos os transtornos que ela proporcionou ao mundo. Parece que tudo está começando a entrar nos eixos.

E esse pensamento positivo de que as coisas serão melhores no ano que se inicia é providencial para mudarmos a vibração ao nosso redor, sintonizarmos nossa energia naquilo que será benéfico para nós, para nossa família, para nossa loja, nossos irmãos e para o planeta.

É importante dizer que tudo o que acontece em nossa vida segue um plano superior, que muitas vezes sequer imaginamos, mas que tem como artífice o Grande Arquiteto do Universo. Ele, utilizando o esquadro e o compasso com perfeição e sabedoria, sempre traça os melhores projetos para nós, visando ao nosso progresso, ao nosso aprimoramento moral e espiritual.

As dificuldades nos fortalecem, as alegrias nos lembram que tudo é passageiro, a fé nos mostra que nada é impossível para o Grande Arquiteto do Universo, a esperança nos revigora e nos anima para seguirmos adiante. E os ciclos vão se sucedendo, alguns mais rapidamente, outros de maneira demorada, mas a vida é uma eterna transformação. Nunca fica estagnada, nem retrocede. Segue sua evolução em um moto-contínuo eterno.

Nesse ano que se inicia, faz-se necessária, quase como uma imposição, a dedicação redobrada ao trabalho. A disposição para acelerar todos os projetos que ficaram em modo de espera durante a pandemia, a coragem para enfrentar as dificuldades que atrapalharam nosso desenvolvimento, o ímpeto e a competência para realizar as ações que visem ao bem comum, aos interesses maiores, à felicidade de todos.

Abraçar 2022 com amor e esperança certamente nos ajudará a fazer dos próximos 365 dias um período melhor para a humanidade. Mas só isso não é suficiente. Como dissemos anteriormente, o trabalho profícuo também é primordial, porém, a união e a cooperação devem ser a pedra angular da nossa obra, da construção de um futuro melhor, de um mundo mais justo, de uma sociedade desenvolvida e com igualdade de oportunidades para todos.

Esses mesmos preceitos servem para nortear o crescimento da nossa querida Glesp, afinal, aprendemos os ideais da Maçonaria em nossas lojas, para depois colocá-los em prática nesse imenso canteiro de obras que é o planeta.

Sigamos ombreados, cientes da nossa responsabilidade, confiantes na capacidade de cada maçom e otimistas em relação aos desígnios do Grande Arquiteto do Universo. Reforcemos a convicção de que 2022 será um ano muito melhor para todos nós!

Fraternal abraço,

Sereníssimo Grão-Mestre João Xavier



◆ EXPEDIENTE ◆



A Verdade

Publicação bimestral da Grande Loja Maçônica do Estado de São Paulo (Glesp)

Fundador

Irmão Francisco Rorato (1911-1983)
Loja Prudente de Moraes, 5

Administração

Grão-Mestre João Xavier
Loja Manchester Paulista, 413
Oriente de Sorocaba

Conselho Editorial

Descartes de Souza Teixeira (L. 10)
Ezivaldo Lins de Araújo (L. 124)
Samir Nakhle Khoury (L. 141)
Samir Cury (L. 857)

Editor e Jornalista Responsável

Wagner Apinhanesi (MTb: 41.856-SP)

EDIÇÃO DIGITAL

Assinatura

Seis edições bimestrais: R\$ 106,15

REVISTA A VERDADE

Rua São Joaquim, 138
Liberdade - São Paulo - SP
CEP: 01508-000
Tel: (11) 3207-8399

E-mail: averdade@glesp.org.br
www.glesp.org.br

Atenção: Os colaboradores das revistas A Verdade e Grande Loja em Destaque, que enviam informações, textos, fotos e imagens, são responsáveis pela autoria e originalidade do material enviado às revistas e pela obtenção de autorização de terceiros para a devida utilização, quando necessária, respondendo, assim, por qualquer reivindicação que eventualmente venha a ser apresentada às revistas em relação aos direitos intelectuais e/ou direitos de imagem.

Os colaboradores das revistas da Glesp são voluntários e não recebem remuneração pelo trabalho cedido às publicações. Os artigos assinados não refletem, necessariamente, o pensamento da direção ou do editor das revistas. Não devolvemos originais não publicados.



Maçonaria em tempos de crise sanitária universal

Ventura foi o pretérito, esperançoso poderá ser o que virá. E, das lições do incerto, a sociedade se construirá. Ao signo das crises sanitárias e aos paradoxos que condicionam a coexistência humana em solo habitado. Aqui, acolá, em todo lugar. Somos Universais! E quais lições tomar?



4
Capa

Tolerância versus Convivência

O neófito ainda é uma pedra bruta e vai entender a diferença entre envolvimento e comprometimento. Aprenderá que não é maçom apenas uma vez por semana, sendo seu compromisso também assumido fora das paredes da loja e do tempo de trabalho nas sessões.



8

Origens da Hospitalaria

Aproximadamente em 1099, mercadores de Amalfi, uma província de Salerno, na região da Campânia, na Itália, fundaram em Jerusalém uma casa religiosa para o acolhimento de peregrinos. Após alguns anos, o local passaria a contar também com serviços militares, originando a Ordem dos Cavaleiros Hospitalários.



14

O maçom e a lebre – uma jornada maçônica

O fogo da doença está apagando. Aos poucos, as lojas voltam a funcionar. Caminhamos ainda com cautela. Recordando que a estrada da vida é semeada pelo bem e pelo mal, tal como o preto e o branco do pavimento mosaico do nosso templo.



16

Transformação

Encontrava-me num dia típico da minha vida, como pedreira, não tinha muitas novidades no decorrer dos anos, até que, em um determinado dia, um grupo de homens, sete no total, parou e formou diante de mim um semicírculo.



20

Irmãos que não lidam bem com as críticas

Hoje, o termo “crítica”, infelizmente, vem com um sentido negativo, de reprovação, o que nem sempre corresponde à realidade quando se trata de pensamento crítico. Essa forma de pensar não é construída sobre métodos intransigentes e velozes, e sim em concepções e preceitos.



22



26

O ser que busca e o Mestre Mentor

Estando em nossas Colunas, a figura de um mentor que assuma o Aprendiz não como um irmão, mas sim como um filho, e o conduza em toda a jornada inicial, será o fator preponderante do desempenho e longevidade do mesmo.



30

Uma reflexão filosófica sobre o Mito da Caverna de Platão e a Maçonaria

A compreensão de si mesmo e do não-Eu é expressa por símbolos. Ao usarmos tais símbolos, estamos também ajudando a aprofundar a nossa compreensão. Os símbolos são um produto da compreensão e um valioso e eficaz recurso para a dialética.



34

(Eu) Maçom – Ser ou não ser? eis a questão

O questionamento de Hamlet, ao segurar o crânio de Yorick e proferir a famosa frase, é sobre a vida e seu significado mais profundo. Para nós, maçons, uma situação simbólica semelhante tem início na Câmara de Reflexões.

NOTA DE FALECIMENTO

É com imenso pesar que comunicamos a passagem para o Oriente Eterno do irmão Antônio Soares da Fonseca Júnior, no dia 14 de janeiro de 2022. Obreiro da Loja Paz e Harmonia, 551, Oriente de São Paulo; e membro da Loja de Pesquisa Maçônica Quatuor Coronati São Paulo, 333; o irmão Antônio Soares fazia parte do Conselho Editorial da revista *A Verdade*, com a qual colaborou incansavelmente por intermédio da avaliação e produção de artigos, visando sempre e tão somente ao engrandecimento da cultura e conhecimento maçônicos. Nossas mais sinceras condolências aos familiares, amigos e irmãos de loja.





Maçonaria em Tempos de Crise Sanitária Universal

Irmãos Eric Trimboli e Leonardo Nunes Zerbone
Loja Dois de Abril, 379 - Oriente de Suzano

Ventura foi o pretérito, esperançoso poderá ser o que virá. E, das lições do incerto, a sociedade se construirá. Ao signo das crises sanitárias e aos paradoxos que condicionam a coexistência humana em solo habitado. Aqui, acolá, em todo lugar. Somos Universais! E quais lições tomar? As cantigas ecoadas dos carnavais cariocas¹ da primeira década do século passado nos trazem ao aprendizado permitido frente à gripe espanhola: da tristeza, se faz a esperança:



*“Assim é que é! Viva a folia!
Viva Momo - Viva a Troça!
Não há tristeza que possa
Suportar tanta alegria.
Quem não morreu da Espanhola,
Quem dela pode escapar
Não dá mais tratos à bola
Toca a rir, Toca a brincar...”*

(Baile de carnaval dos Democráticos - Janeiro de 1919)¹

Esperança frente à desesperança!

Ao passar das décadas, hoje nos deparamos com a pandemia da Sars-Cov-2 (Covid-19), vitrine mais recente de crise sanitária universal e expositora da humanidade ao sentimento solidariedade. E a retórica persiste: que lições tomar?

Já bem diria Barata², em 1994, que “no interior das lojas, protegidos pelos véus do segredo, os maçons arquitetaram uma forma social própria, baseada nos princípios da igualdade, da liberdade civil e da fraternidade”.

Em reportagem ao importante jornal britânico de economia *The Economist*, nossos irmãos de loja inglesa afirmaram³ que “*the freemasons want to be known for hand wash, not handshakes*” (os maçons querem ser conhecidos por lavar as mãos, não por apertar as mãos), uma alusão à beneficência e à oportunidade de demonstrar à humanidade um outro lado da Maçonaria, segundo o irmão Matt Felgate.

Nessa entrevista, o irmão ainda revela que maçons transformaram uma destilaria de gin em fábrica de desinfetantes, fizeram milhares de máscaras faciais para cuidadores e enfermeiros, doaram papel higiênico. Por fim, destaca que, em época de decréscimo e evasão do número de irmãos por todo o mundo⁴, é uma ótima oportunidade de receber futuros membros: “venham nos visitar”, completa.

Outras ações maçônicas para ajudar os irmãos no contexto da Covid-19 se disseminaram internacionalmente. Um exemplo foi reportado pelo jornal *The Times*⁵ a uma loja situada na cidade americana de Melrose, no estado de Massachusetts. De acordo com o irmão Ramsay McGheea, a crise da Covid-19 apontou uma oportunidade para fortalecer seu relacionamento com os membros, levantar dinheiro para uma boa causa e apoiar um negócio local de amigos da Maçonaria. Além disso, inúmeros pedreiros do arquiteto e trabalhadores da saúde se enveredaram nas linhas de frente no combate à doença⁶.

A Maçonaria é uma entidade universal e benéfica *sui generis* e obtusa ao ofício de ajudar. Entretanto, essa predestinação está calcada em princípios fundamentais próprios e escritos em

rituais, como no Ritual do Aprendiz Maçom (12^a

edição)⁷. Princípios estes que, claramente, se traduzem em um conjunto de regras cunhadas ao objetivo final da construção social.

Tendo isso posto, inicialmente cabe referenciar, em paráfrase, a construção social como princípio maçônico⁷:

“A Maçonaria é... formada por homens... que estudam e trabalham para a construção da sociedade humana”.

Sob a tríade Liberdade, Igualdade e Fraternidade⁷, sem a qual o mundo não alcançaria a Felicidade Geral e a Paz Universal, o “amar o próximo” é o corolário ético-moral dedutivo desse princípio.

Na proclamação postulada e definida após a aceitação dos Landmarks codificados por Albert Mackey, é exposto que se deve⁷ ter a prática da caridade e beneficência em segredo, sem provocar a humilhação de quem a recebe e com a incitação ao solidarismo, ao mutualismo, ao cooperativismo, ao seguro e outros meios de ação social.

Também à evocação desses postulados, está claro que os ensinamentos maçônicos⁷ servem para que os irmãos se dediquem à “felicidade de seus semelhantes”, pois o sentimento de solidariedade nos faz “Filhos Comuns do Universo e amigos de todos os Seres Humanos”.

Na iniciação na Maçonaria, sessão de grande impacto na vida do candidato à admissão nas lojas regularmente constituídas, a beneficência é reiterada já no capítulo da preparação do candidato, quando o Venerável Mestre ensina ao profano⁷ que “a Maçonaria não é uma sociedade de auxílios mútuos ou de caridade. Ela tem responsabilidades e deveres para com a sociedade, a família e a humanidade”, em contraste



opositivo ao pensamento de que os esforços nesse sentido devem ser empenhados apenas às questões que envolvem os seus membros. Alertemo-nos mais uma vez: “*the freemasons want to be known for hand wash, not handshakes*” (The Economist, abril de 2020)³.

Ainda em ambiência da Iniciação e em experimentação ao sentimento de solidariedade do profano iniciando a maçom, o Venerável Mestre declara⁷ que há, entre nós, “Maçons necessitados, viúvas e órfãos a socorrer (...)”. O irmão Hospitaleiro o pede, em sigilo, que se esforce para dispor um auxílio aos necessitados. Com a indisponibilidade do donativo, o Venerável Mestre alerta ao iniciado que está despido dos metais e é imputado do sentimento de angústia por não poder corresponder à Hospitalaria. Os valores morais são os de reconhecimento maçônico, e os metais servem para promover socorro aos nossos iguais.

A beneficência é o sentimento do maçom frente à tragédia de outrem e incumbido de preceitos éticos e morais transcritos em ritual⁷. Esse sentimento deve estar presente tanto no que concerne às necessidades dos nossos irmãos quanto em relação aos nossos semelhantes e humanos profanos. Entretanto, é preciso um olhar minucioso na transposição do sentimento à beneficência no seu sentido operacional.

É sabido que o sigilo e a não exposição do necessitado são preceitos básicos. Soma-se a isto uma questão que, ainda que transepocal, nos emerge à contemporaneidade, pois há os que fazem da tristeza o leite que bebem. Até na beneficência! No capítulo de preparação ao candidato⁷, o Venerável Mestre alerta ao profano que se:

“Deve combater os inimigos da humanidade, ou seja, os hipócritas, que a enganam; os pérfi-

dos, que a defraudam; os ambiciosos, que a usurpam; e os corruptos e sem princípios, que abusam da confiança dos povos”.

E então, que lições tomar após já reiterado de que a Maçonaria aflora uma das suas missões em tempos de crise sanitária universal? A saber: a beneficência e a construção social! É possível evocar nosso sentimento fraternal? A evocação deste sentimento, guardadas as questões éticas e morais que compartilhamos, é a lição que se toma! Todos os desdobramentos dessa sensação idiossincrática são consequências e a materialização da obra maçônica no seu sentido mais harmonioso.

A beneficência é um sentimento maçônico que transpõe a práxis!

É uma relação ametal na busca do bem estar humano comum, em nome da construção social. ◆

Fontes:

- 1 - SANTOS, R. A. *O Carnaval, a peste e a 'espanhola'*. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, v. 13, n. 1, p. 129-58, jan.-mar. 2006.
- 2 - BARATA, A. M. *A maçonaria e a ilustração brasileira*. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*. 1994; 1(1):78-99.
- 3 - BECKER, L. *The freemasons want to be known for hand wash, not handshakes*. *The Economist*, England, Apr, 2020. Out of the shadows.
- 4 - ROBERTO, A; XAVIER, JJ; MUZZI, R. *Webinário da GLESP - Evasão Maçônica*. São Paulo, julho de 2020.
- 5 - HORNE, M. *Freemasons 'exploiting public fund for Covid-hit businesses'*. *Scotland*, march, 2021.
- 6 - Associação Pais e Amigos dos Excepcionais de Campo Grande (APAE/CG). Sindicato Médico de Mato Grosso do Sul e Loja Maçônica Força e União nº 11 doam 3 mil máscaras aos profissionais de saúde que estão no enfrentamento da Covid-19. *Noticiário APAE/CG*, Abril de 2020.
- 7 - Grande Loja Maçônica do Estado de São Paulo (GLESP). *Ritual do Aprendiz Maçom*, 12ª edição (1ª impressão). São Paulo, agosto de 2020.





Tolerância

VERSUS

Conivência



Irmão Thiago Lourenço Schioba
Loja Os Templários de Piracicaba, 662 – Oriente de Piracicaba

“Um cidadão equilibrado vale mais que meia dúzia de extravagantes”.

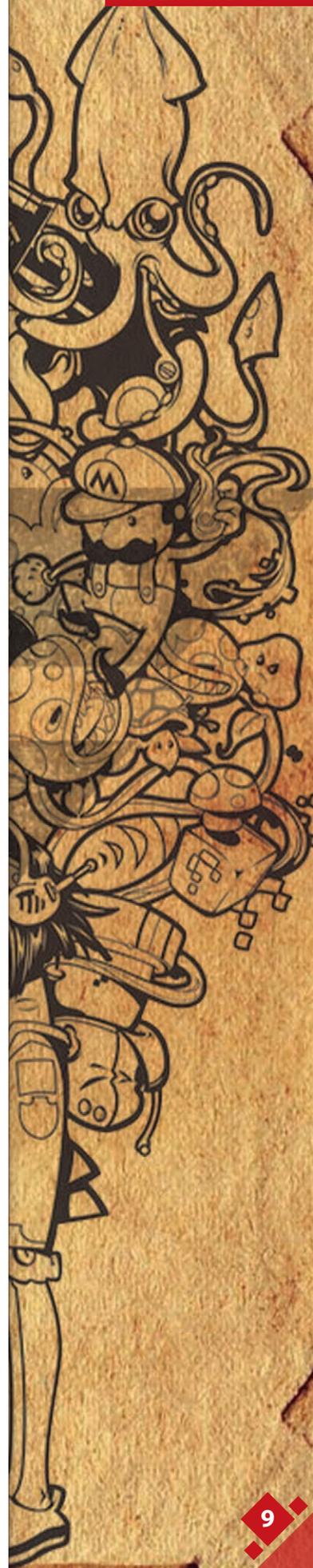
Essa frase, extraída do livro *Maçonaria: 100 instruções de Aprendiz*¹ e dita pelo maçom Baden Powel, fundador do Escotismo, resume bem a essência da 5ª Instrução de Aprendiz do Rito Escocês Antigo e Aceito².

Essa instrução faz uma reflexão acerca da possível existência de privilégios e vantagens para os membros da Maçonaria sobre pessoas do mundo profano, a existência de solidariedade entre irmãos, os deveres e direitos de cada maçom e a diferença entre ser tolerante e ser conivente com uma situação.

A Maçonaria é composta por elementos escolhidos da sociedade por seus predicados morais e sua alta qualificação, e muitos, após adentrar na Instituição, já influenciaram em muitas vezes o destino da Nação.

Tudo se inicia na indicação por um Mestre de um profano que seria livre e de bons costumes para adentrar na Instituição. A Maçonaria, para evitar ou reduzir o risco de ter um indivíduo de caráter duvidoso nas suas colunas, elaborou no decorrer dos séculos mecanismos de proteção e seleção peculiares.

Sabe-se que todo o passado do profano deve ser checado para detectar eventuais delitos e desvios de conduta, bem como seu nome é levado a todas as lojas com intuito de que algum irmão possa informar algo que não tenha registro.



Após todo esse processo de seleção, o profano, na sua Iniciação, passa pela Câmara de Reflexões, assumindo já um compromisso e realizando seu testamento. Nele, deverá responder:

Quais são vossos deveres para com Deus?

Quais são vossos deveres para com a Humanidade?

Quais são vossos deveres para com a Pátria?

Quais são vossos deveres para com a família?

Quais são vossos deveres para com o próximo?

Quais são vossos deveres para convosco?

Esse compromisso é reforçado no Juramento da Taça Sagrada e nos Juramentos, ajoelhado no altar do Livro da Lei.

O neófito ainda é uma pedra bruta e vai, após entrar na Ordem, entender a diferença entre envolvimento e comprometimento. Aprenderá que não é maçom apenas uma vez por semana, sendo seu compromisso também assumido fora das paredes da loja e do tempo de trabalho nas sessões³.

Infelizmente, não é incomum que o maçom desconheça a Constituição Maçônica e Regulamento Geral, bem como o Código Penal Maçônico. Ou então que conheça, mas não entenda, que ele se aplica a nossa existência no mundo profano. Não é raro encontrar no convívio maçônico obreiros que escandalizam a sociedade com condenáveis exemplos⁴. Dentre os diversos artigos do Código Penal Maçônico, vale comentar os seguintes:

“Artigo 3º- Ficam sujeitos a este Código todos os maçons sob a jurisdição da Grande Loja Maçônica do Estado de São Paulo, ainda que as infrações tenham sido cometidas em outros Orientes ou na vida profana.

Artigo 6º – Não eximem de pena a ignorância ou a errada compreensão da lei.

Artigo 13 – As penas são:

I – advertência;

II – repreensão;

III – prestação pecuniária à entidade pública ou privada, nos casos de transação;

IV – suspensão;

V – expulsão.

Art. 37 - Dos delitos contra o trabalho em Loja.

I – apresentar-se em reuniões maçônicas ou profanas em estado de embriaguez;

II – ler jornais, livros ou revistas durante os trabalhos;

III – manter comportamento não condizente em Loja ou reunião maçônica;

IX – trabalhar com desleixo nas cerimônias e sem as formalidades exigidas pelos rituais.

Artigo 39 - Dos delitos contra a pessoa.

IX - injuriar, difamar ou caluniar Irmão”⁵.

Somos nós, maçons, os mais necessitados do autodescobrimento. Por termos sido escolhidos por irmãos da sociedade, temos que lutar constantemente contra um pecado capital, a Soberba, por uma presunção de superioridade. E tomar cuidado para não cometer outro pecado quando somos superados: a Inveja⁶.

Mesmo com todos os mecanismos para escolha do candidato a ingresso na Maçonaria, alguns indivíduos com intuito de tirar proveito pessoal da Instituição se infiltram na Ordem. Ou por esconder muito bem seus defeitos ou por ludibriar os membros dessa Instituição com a ajuda de um irmão que o indicou e já sabia de seu caráter ou passado. São indivíduos com comportamento social, familiar ou cívico que jamais os qualificaria como “homens livres e de bons costumes”⁷.

São lobos em pele de cordeiro, que tentam sugar ao máximo a Instituição para benefícios



personais, sem se preocupar com seu principal objetivo: aperfeiçoamento moral, intelectual e social da Humanidade. Geralmente, se organizam em grupos, defendendo-se entre si dentro dos templos sob o manto da Tolerância.

Daí a importância e seriedade que um irmão deve ter ao indicar, apresentar ou apadrinhar alguém. E justifica o fato de só poder ser feito por um Mestre, que tem uma visão suficientemente ampla das peculiaridades simbólicas, ritualísticas, administrativas e sociopolíticas para identificar uma potencial “pedra” para lapidação⁸.



Diversos cismas e cisões dentro da Maçonaria foram liderados por falsos maçons sobre essa convivência disfarçada.

Também podemos ter irmãos dignos e de bons costumes que, por razões mundanas que fogem do seu controle, são levados a costumes inapropriados. Cabe à Ordem ajudar esse irmão e trazê-lo à Luz, mas não tem como principal meta a reabilitação de indivíduos, sendo uma escola de aperfeiçoamento.

Uma das Virtudes Maçônicas é a Tolerância, que deriva da Solidariedade Humana também defendida pela Ordem.

Mas a tolerância ilimitada é prejudicial. Como dito por Karl Popper, filósofo do século 20: “A tolerância ilimitada leva ao desaparecimento da tolerância”.

Devemos ser tolerantes com irmãos que estão passando por situações difíceis, mas nunca sermos coniventes com hábitos e costumes condenáveis quando esse indivíduo não busca ou não aceita ajuda para parar de se corromper. A Tolerância Maçônica nunca deve ser confundida com convivência. A tolerância enaltece a Instituição. A convivência apenas protege imorais que mancham a imagem da Ordem.

Claro que não existe o Maçom Perfeito. E devemos ter sempre prudência ao apontar os erros de um irmão, já que também não somos perfeitos. Mas, baseados na nossa legislação e consciência, podemos, sim, ajudar na formação de nossos irmãos e olharmos a perfeição no horizonte.

O maçom está em constante estado de aprendizado. E deve colocar em prática aquilo que aprende e que ensina. Isso responde outro questionamento da 5ª Instrução, sobre o maçom levar vantagem sobre outro indi-

víduo não maçom na vida profana. Ele não levará vantagem simplesmente por ser da Irmandade. Levará vantagem se seguir os ensinamentos da mesma e ser escolhido por meritocracia. O fato de ser maçom será apenas critério de desempate para candidatos em condições iguais de mérito.

E, como Baden Powell concluiu, que o aumento simplesmente numérico no Quadro de Obreiros não necessariamente significa um ganho para a loja. Priorizemos qualidade sobre quantidade. Cabe a cada loja essa reflexão e eliminação de integrantes perniciosos como medida saneadora, seguindo, obviamente, as leis vigentes já apresentadas acima.

É importante que a loja defina claramente sua missão e quais objetivos pretende alcançar para que consiga manter em suas Colunas irmãos atuantes e isso ajude na escolha dos candidatos¹⁰.

O bom funcionamento da loja requer sacrifícios e esforço conjunto dos obreiros. Se tivermos irmãos desinteressados e uma safra de Aprendizes mal escolhidos ou mal instruídos, essa loja estará fadada ao fracasso¹¹.

Ademais, é imperativo que os Mestres sempre se mantenham vigilantes para qualquer obreiro (Neófito ou Mestre) que tenha alguma aresta que não se quebra. Devem ser imparciais e descartar essa pedra.

“Uma pedra fora das especificações compromete qualquer obra, seja a curto, médio ou longo prazos, pois começará a aparecer trincas, depois rachaduras e, por fim, a construção em andamento desabarará, causando prejuízos incalculáveis”¹². ◆

Bibliografia

- AMARAL, Miguel. *O comprometimento na hora da indicação*. In revista A Verdade. Ano LXIV Nº 520. Maio/Junho de 2017. Pág. 18-19
- BIANCHI, A. G. *A difícil escolha de um candidato*. In revista A Verdade. Ano LX Nº 494. Janeiro/Fevereiro 2013. Pág. 16-21
- BURGOS, Nevio. *Tolerância. O caminho para o Amor*. In revista A Verdade. Ano LXII Nº 506 Pág. 14-15. Janeiro/Fevereiro de 2015
- D'ELIA JUNIOR, Raimundo. *Maçonaria: 100 instruções de aprendiz*. São Paulo: Madras, 2007, páginas 322-324.
- SILVA, Adriano. *O Padrinho*. In revista A Verdade. Ano LXIII. Nº 516. Setembro/Outubro de 2016. Pág. 26-27
- VASCONCELOS, M. C. *A formação Maçônica*. In revista A Verdade. Ano LXIII nº 514 Pág. 5-9. Maio/Junho de 2016.
- GLESP. Código Penal Maçônico – Lei nº 003-216/2019. Disponível: <https://www.glesp.org.br/?tribunais=tribunal-leis> (Acesso em 30 jul. 2021).
- *Ritual do Simbolismo Aprendiz Maçom do Rito Escocês Antigo e Aceito*, 11ª edição da GLESP, páginas 89-93

Notas:

- 1 - D'Elia Junior, Raimundo – *Maçonaria: 100 instruções de aprendiz*. São Paulo: Madras, 2007, páginas 322-324.
- 2 - *Ritual do Simbolismo Aprendiz Maçom do Rito Escocês Antigo e Aceito*, 11ª edição da GLESP, páginas 89-93.
- 3 - Vasconcelos, M. C. *A Formação Maçônica*. Revista A Verdade. Ano LXIII nº 514 Pág. 5-9. Maio/Junho 2016.
- 4 - D'Elia Junior, Raimundo – *Maçonaria: 100 instruções de aprendiz*. São Paulo: Madras, 2007, páginas 322-324.
- 5 - Código Penal Maçônico – Lei nº 003-216/2019
- 6 - Burgos, Nevio. *Tolerância. O caminho para o Amor*. Revista A verdade. Ano LXII Nº 506 Pág. 14-15
- 7 - D'Elia Junior, Raimundo – *Maçonaria: 100 instruções de aprendiz*. São Paulo: Madras, 2007, páginas 322-324.
- 8 - Burgos, Nevio. *Tolerância. O caminho para o Amor*. Revista A verdade. Ano LXII Nº 506 Pág. 14-15
- 9 - Burgos, Nevio. *Tolerância. O caminho para o Amor*. Revista A Verdade. Ano LXII Nº 506 Pág. 14-15
- 10 - Bianchi, A. G. *A difícil escolha de um candidato*. Revista A Verdade. Ano LX Nº 494. Janeiro/Fevereiro 2013. Pág. 16-21
- 11 - Amaral, Miguel. *O comprometimento na hora da indicação*. Revista A Verdade. Ano LXIV Nº 520. Maio/Junho de 2017. Pág. 18-19
- 12 - Silva, Adriano. *O Padrinho*. Revista A Verdade. Ano LXIII. Nº 516. Setembro/Outubro de 2016. Pág. 26-27

O R I G E N S D A HOSPITALARIA



Irmão Sérgio Ferreira Barbosa

Loja 1º de Janeiro, 113 – Oriente de São Paulo

Jerusalém é um local sagrado para as principais religiões do mundo, cristãos e muçulmanos travaram batalhas sangrentas pelo controle dessa terra, daí surgiram as famosas cruzadas.

Aproximadamente em 1099, mercadores de Amalfi, uma província de Salerno, na região da Campânia, na Itália, fundaram em Jerusalém, sob a regra de São Bento, uma casa religiosa para o acolhimento de peregrinos. Anos mais tarde, construíram junto dela um hospital, o qual recebeu, de Godofredo de Bulhão, um nobre e militar considerado

por muitos um dos líderes das primeiras cruzadas, doações que lhe asseguraram a existência, sendo posteriormente reconhecida pelo Papa.

Após alguns anos, o serviço de proteção e atenção aos doentes passaria a contar também com serviços militares, constituindo, assim, a fundação da Ordem dos Cavaleiros Hospitalários.

“Hospitalários” vem da palavra “Hospício”, que naquele tempo tinha a conotação de local para tratamento e/ou hospedagem de pessoas doentes ou pobres sem gratificação monetária.

Tronco de Solidariedade na Antiguidade

Existe uma interessante teoria sobre a origem do Tronco de Solidariedade, na época da construção do Templo de Salomão, onde ferramentas, projetos, documentos e pagamentos de obreiros eram colocados dentro das colunas do templo, e, ao final do dia, os obreiros retiravam o que precisavam dessas colunas para o seu sustento. Essas doações também eram destinadas a viúvas e órfãos.

Maçons operativos, por volta do século 15, instituíram, nos Estatutos Reguladores da Conferência dos Talhadores de Pedra, um sistema de ajuda mútua. Tal sistema recebeu o nome de Tronco das Viúvas. A finalidade do recolhimento de óbolos para a formação do tronco era auxiliar a família do obreiro falecido, tendo depois adquirido um segundo destino: ajudar o maçom acidentado no serviço. Essa reunião ocorreu em 25 de abril de 1450, em Ratisbona.

Nos tempos passados, um maçom acidentado no serviço estava impossibilitado de exercer suas funções de trabalho. Parafraseando para os dias de hoje, um irmão que se encontra desempregado, épocas diferentes, situações iguais.

A hospitalaria de cada um

Hospitaleiro é um cargo concedido, mas a hospitalaria deve ser exercida por cada um de nós. Nossa contribuição, em cada sessão, deve ser feita sempre pensando que aquele valor depositado na bolsa irá socorrer um irmão necessitado.

O Grande Arquiteto do Universo sempre abençoou homens que praticaram a caridade e contribuíram para a solução dos problemas do seu próximo. Como exemplo, podemos citar grandes filantropos famosos, do quilate de John D. Rockefeller, o barão do petróleo; e Andrew Carnegie, o magnata da indústria do aço. Mas acreditamos que os verdadeiros filantropos, os heróis da humanidade, são aqueles que não aparecem, não chamam para si o mérito daquilo que fazem. Como disse o Mestre Jesus: “que a mão esquerda não saiba o que a direita fez”.

Um parêntesis: O maior reconhecimento pelos nossos atos deve ser de Deus, de ninguém mais. Nós mesmos podemos e devemos ficar felizes com o que praticamos de caridade, porém, em silêncio, apenas consciencial. E isso visando sempre não constranger aquele que prestamos o auxílio.

Se voltarmos no tempo, nas raízes das origens mais profundas da hospitalaria, notaremos que que o óbolo era para ajudar primeiramente aos fraternos e a família destes, e só depois alguma outra obra de caridade. Os Templários ajudavam os leprosos e doentes, mas, primeiramente, os irmãos de ordem.

Entendo que, quando os irmãos estiverem supridos, poderemos ajudar as obras do mundo profano. Assim trabalhavam os Templários, os maçons operativos e os obreiros no Templo de Salomão.

A hospitalaria deve ajudar o irmão que passa por um momento difícil, e tão logo esse se restabeleça, aquele que foi ajudado tem o dever moral de repor o óbolo para a Bolsa de Beneficência, para que o Tronco de Solidariedade não seja quebrado e possa novamente ajudar outro irmão em dificuldades. Não podendo também a hospitalaria oferecer assistencialismo eterno, devendo o irmão que foi auxiliado usar essa ajuda como impulso para se projetar rumo ao sucesso de sua empreitada.

Consultando a sabedoria do Livro da Lei, cheguei em Gálatas 6:10, que me deu o seguinte entendimento referente à hospitalaria: “Então, enquanto temos tempo, façamos bem a todos, mas principalmente aos domésticos da fé”. ◆

Fontes:

A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 1995.

DEMURGER, Alain. Os cavaleiros de Cristo: templários, teutônicos, hospitalários e outras ordens militares na Idade Média (séculos XI – XVI). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Editor, 2002.

FOREY, A. J. Novitiate and instruction in the military orders during the twelfth and thirteenth centuries. In: SPECULUM, Vol. 61, nº 1, 1986, p. 1-17.

_____. Military orders from the twelfth to the early fourteenth century. London: Macmillan, 1991.



O MAÇOM e a LEBRE

UMA JORNADA MAÇÔNICA





Acordo cedo. 5 horas e 30 minutos. Tomo café, me despeço dos filhos já acordados e dou um beijo na testa dos que estão dormindo. Beijo minha esposa e saio para o trabalho e vida profana. O dia ainda é noite. O Sol ainda está dormindo, com preguiça de despertar para despertar os demais. Faço o trajeto de carro pela cidade escura, apenas as sombras da iluminação pública.

Chego ao trabalho, arregaço as mangas e começo minhas atividades. Dia corrido, cheio de problemas, com apenas algumas soluções. O dia passa voando. Quando percebo: 19 horas. Já é tempo de encerrar minhas atividades e partir para a loja. É noite novamente.

No caminho à sede da loja, sinto o cansaço e o peso das preocupações do mundo profano. Mas uma força começa a invadir minha mente. Difícil explicar, colocar em palavras. Momentos da ritualística, passagens do Livro da Lei, pensamentos sobre como estão os irmãos, tudo simultaneamente, numa tempestade cerebral.

Quando adentro o salão, ainda tenho tempo de perguntar aos irmãos como passaram a semana e como estão os sobrinhos e as cunhadas.

Oito horas da noite em ponto. Hora de se concentrar. Esquecer o mundo profano e contemplar a Arte Real. Nesse momento, todos entram no Templo. Sigilo maçônico. O que se passa agora, apenas os irmãos têm o privilégio de continuar com o filme na mente.

Meia noite. Acabaram-se os trabalhos e os obreiros foram pagos e dispensados. Aproveitamos o Ágape para continuar a prosa iniciada antes da sessão. Despeço-me.

Voltando ao lar, próximo já de casa, passo em frente a um terreno baldio. O mato encontra-se na altura da canela. E, como sempre, a vejo se alimentando da grama do local. Tão serena e satisfeita, porém alerta. Tal como eu. É a lebre cinzenta. Minha companheira da madrugada das quartas-feiras.

Como de costume, ela se assusta comigo e corre para a mata ciliar do outro lado da rua, sumindo na escuridão. Fico contente ao vê-la. Sei que nosso encontro semanal, único dia em que estou fora do domicílio nesse horário, é resultado de mais uma sessão realizada com perfeição.

Entretanto, essa harmonia recentemente foi interrompida. Por 16 meses para ser mais preciso. Abaixo, coloco alguns relatos extraídos de fontes distintas para justificar tal interrupção.

Relato 1

“A peste, atirada sobre os homens por justa cólera divina e para nossa exemplificação, tivera início nas regiões orientais. Incansável, fora de um lugar para outro e estendera-se de forma miserável para o Ocidente. [...] Nenhuma prevenção foi válida, nem valeu a pena qualquer providência dos homens.”¹

“Entre tanta aflição e tanta miséria de nossa cidade, a autoridade das leis, quer divinas quer humanas, desmoronara e dissolvera-se. Ministros e executores das leis, tanto quanto outros homens, todos estavam mortos, ou doentes, ou haviam perdido os seus familiares e assim não podiam exercer nenhuma função. Em consequência de tal situação permitia-se a todos fazer aquilo que melhor lhes aprouvesse.”¹

Relato 2

“(…) E depois, o que atrapalhou toda a nossa vida ali, naquela casa, foi quando morreu meu irmão numa epidemia, né? Ali então foi uma, um baque, né? Meu pai ficou muito nervoso, foi uma época em que morreu muita gente aqui em Caxias daquela epidemia. E

na nossa casa estavam todos doentes, não tinha um de pé para ajudar a cuidar dos doentes, até a nossa empregada estava doente.”²

Relato 3

“A doença tem um aspecto social muito cruel. Meu pai e meu irmão ficaram viúvos com apenas um dia de diferença. Meu irmão perdeu as três principais mulheres de sua vida: esposa, mãe e avó. Enfim, não consegui ver minha mãe pela última vez, não pude me despedir, não pude cuidar dela, não tivemos como conseguir lhe providenciar os últimos sacramentos, não pude sequer ir ao enterro.”³

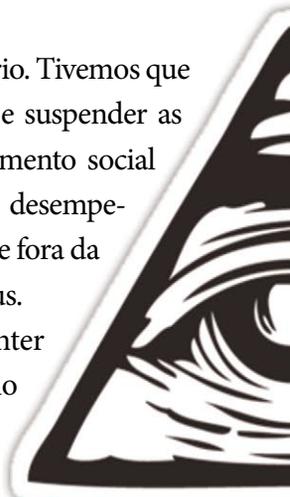
Os relatos anteriores aconteceram em períodos diferentes da História. O primeiro remete à peste negra. O segundo, à Gripe Espanhola. Já o terceiro, à pandemia de Covid-19 atual.

Todavia, todos apresentam características semelhantes: a propagação de uma doença, o impacto social e a mudança de hábitos e rotina diária. Na peste negra da Idade Média, a Maçonaria ainda era Operativa. Já na Gripe Espanhola e Pandemia de Covid, tínhamos a Especulativa.⁴ Independentemente do período da Ordem, ela foi afetada.

Como maçons, isso gerou impacto colossal na nossa vida profana, bem como na vida maçônica.

Impacto doloroso, mas necessário. Tivemos que seguir a verdade sobre a doença e suspender as sessões para respeitar o distanciamento social na fase mais crítica da pandemia, desempenhando assim nosso papel dentro e fora da Ordem para não disseminar o vírus.

Tentamos, e conseguimos, manter inteira a Corda de 81 Nós, símbolo de união e fraternidade durante



esse período. As três Colunas da loja (Sabedoria, Força e Beleza) nos orientaram nesse caminho da vida, nos sustentando nas dificuldades e adornando os momentos para torná-los digeríveis.⁵

Os laços da irmandade foram possíveis em parte graças à tecnologia, através de encontros on-line. Parte devido à determinação dos irmãos de manter seus compromissos com a Ordem, mesmo de forma remota. Unidos e mais fortes, assim como a romã ou o feixe de Esopo.⁶

Tivemos de nos adaptar para continuarmos cavando masmorras aos vícios e levantando templos à virtude. Adaptar para ajudar um irmão em apuros, ou mesmo um estranho. Para orientar os neófitos e arrumar tempo para estudar a Maçonaria, enquanto a “vida moderna” nos devorava.

Infelizmente, centenas de milhares de mortos, muitas feridas abertas, muitas cicatrizes, o ônus da guerra biológica.

Ouvimos muitos ruídos e trovões. Assim como na Primeira Viagem, simbolizando o Caos⁷. Mas, como bem explicado na Quinta Instrução do Grau de Aprendiz, praticamos a solidariedade e vencemos o fanatismo.⁸

Felizmente, muito aprendizado. Reflexões de como podemos nos tornar homens mais livres e de costumes ainda melhores, de como usarmos melhor a régua, o maço e o cinzel. De como lapidarmos melhor a pedra bruta. E graças ao esforço dos homens livres, surgiu, na minha opinião, uma pedra polida: a vacina.

Lembremos: “O conhecimento baseado na exatidão, ajudado pelo trabalho e efetivado pela perseverança, vencerá todas as dificuldades, extinguindo as trevas da igno-

rância e espargindo a felicidade no caminho da vida”⁹.

O fogo da doença está apagando. Aos poucos, as lojas voltam a funcionar.

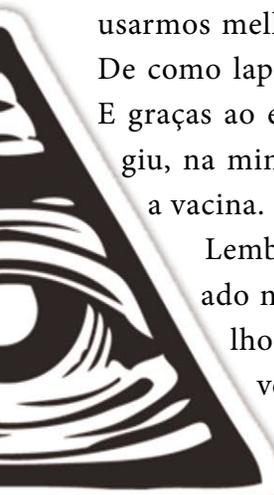
Caminhamos ainda com cautela. Recordando que a estrada da vida é semeada pelo bem e pelo mal, tal como o preto e o branco do pavimento mosaico do nosso templo.¹⁰

Minha loja retornou às atividades, justa e perfeita. E pude reencontrar (além de meus irmãos, claro), minha velha amiga, a lebre cinzenta, que continuou sua rotina nesses meses como se nada de errado tivesse acontecido no mundo.

Concluindo, não sejamos Um Verdadeiro Bruto, nem um Monstro de Egoísmo, muito menos um Inútil.¹¹ Temos de buscar as qualidades indispensáveis ao maçom: amor, vontade e inteligência. ◆

Bibliografia

- 1 - REZENDE, JM. À sombra do plátano: crônicas de história da medicina [on-line]. São Paulo: Editora Unifesp, 2009. As grandes epidemias da história. pp. 73-82. ISBN 978-85-61673-63-5. Disponível em SciELO Books.
- 2 - Gripe Espanhola de 1918: relatos das famílias Rovea, Peretti e Rosa. Acessado em 01 de setembro de 2021. Disponível: <https://bit.ly/3tQRzex>. Autor Rodrigo Lopes.
- 3 - Leia relatos daqueles que perderam pessoas queridas para a Covid - Folha de São Paulo. Acessado em 01 de setembro de 2021. Disponível: <https://bit.ly/3CxNLTg>. Autor desconhecido.
- 4 - Maçonaria: primitiva, operativa e especulativa. Acessado em 2 de setembro de 2021. Disponível: <https://bit.ly/36aTnGI>. Autor: Gabriel Campos de Oliveira e Falcão.
- 5 - Ritual do Simbolismo Aprendiz Maçom do Rito Escocês Antigo e Aceito, 11ª edição da GLESP, página 70, Segunda Instrução.
- 6 - Ritual do Simbolismo Aprendiz Maçom do Rito Escocês Antigo e Aceito, 11ª edição da GLESP, página 83, Quarta Instrução.
- 7 - Ritual do Simbolismo Aprendiz Maçom do Rito Escocês Antigo e Aceito, 11ª edição da GLESP, página 76, Terceira Instrução.
- 8 - Ritual do Simbolismo Aprendiz Maçom do Rito Escocês Antigo e Aceito, 11ª edição da GLESP, página 86, Quinta Instrução.
- 9 - Ritual do Simbolismo Aprendiz Maçom do Rito Escocês Antigo e Aceito, 11ª edição da GLESP, página 66, Primeira Instrução.
- 10 - Ritual do Simbolismo Aprendiz Maçom do Rito Escocês Antigo e Aceito, 11ª edição da GLESP, página 92, Sexta Instrução.
- 11 - Ritual do Simbolismo Aprendiz Maçom do Rito Escocês Antigo e Aceito, 11ª edição da GLESP, página 99, Sétima Instrução.



TRANSFORMAÇÃO

Irmão Erik Silva Imiani
Loja Merkabah, 569
Oriente de Guarulhos



Encontrava-me num dia típico da minha vida, como pedreira, não tinha muitas novidades no decorrer dos anos, até que, em um determinado dia, um grupo de homens, sete no total, parou e formou diante de mim um semicírculo. Não conseguia saber o que falavam, mas o que tudo indica, notoriamente eu era o assunto principal dessa conversa.

Um deles, o mais experiente ao que me parece, devido às características que ostentava pelas marcas do tempo, a fala pausada, o uso de um cajado e sua mobilidade reduzida, em dado momento se apoderou de algumas ferramentas e passou a me examinar mais de perto. Aferições foram feitas, e o modo como ele me olhava era um tanto peculiar, parecia enxergar o meu interior, e essa dúvida que eu possuía foi do pior jeito

respondida. Ele, com maestria, depois de colocar algumas madeiras nos meus veios principais e molhar com água as cunhas de madeira, fez com que um enorme estalo se desse. Os pássaros assustados voaram para bem longe, aqueles homens também se afastaram, e não demorou muito, quando me dei conta, estava ao solo, inteiramente desfragmentada.

Pelos seus semblantes, haviam conquistado seus planos com êxito e dali se retiraram retornando na manhã seguinte, aliás só eles não, trouxeram um verdadeiro batalhão de homens que passaram a me transportar em carros enormes.

Aos poucos, fui retirada do meu habitat e direcionada para um outro local, não tão longe dali. Esse processo de remoção levou três dias no total, fui alocada num grande barracão e ali permaneci no chão. Pensava: Meu Deus, o que fizera para merecer tal fim? Ai de mim!

Uma nova manhã começa, o Sol à leste se anuncia, então esses sete homens a muitos outros se juntaram. Uma coisa curiosa que notei é que usavam sobre suas vestes um avental amarrado na altura da cintura, que pela alvura pareciam ser feito de pele de carneiro. Portavam também alguns instrumentos peculiares, um deles era feito de metal, com uma das pontas extremamente afiada, ao qual chamavam de cinzel; o outro, sendo o maço, era de madeira maciça bastante pesada. O que eu mais temia acontecera, os dois instrumentos se uniram, o metal com a ponta afiada em minha superfície foi apoiado e logo a pancada fora desferida. É verdade que eram usados com maestria, mas era a mim que feriam, ali desisti de tudo e já não me restavam mais esperanças, havia sido desrespeitada, grandes lascas de mim foram arancadas à base de pancadas.

Desistindo de clamar penitência, passei a observar sem nada indagar. Notei que alguns desses homens usavam o avental com um tipo de abeta levantada – acho que era para proteger de minhas lascas –, outros a usavam abaixada, pareciam mais experientes

e as minhas lascas já não temiam. O mais ancião, aquele que me pôs ao chão, a todos inspecionava, aos mais jovem orientava:

– Meu irmão, não vá com tanta pressa! Dose a sua força na batida ou essa pedra será perdida!

Aos mais experientes aconselhava:

– Meu irmão, essa pedra não está ainda bem talhada, submeta-a ao nível, prumo e esquadro e, posteriormente, pula suas superfícies.

A cada dia, notava a habilidade desses homens que passei a chamar de pedreiros. Todos trabalhavam em silêncio absoluto, silêncio este apenas quebrado pelo som dos instrumentos que tilintavam incessantes. Pareciam que tinham seus planos bem definidos, e entendi que não eram meus inimigos, notei que me tratavam com apreço, com suas mãos calejadas as minhas faces alisavam e sorriam como para um filho, o prazer de mais um trabalho concluído.

Os tempos se passaram, sete anos ou mais no total, perdi até a noção, pois em meu interior já não tinha sentimentos de raiva, apenas aguardava. Da minha aparência antiga, pedra bruta, nada mais restava, agora eram enormes blocos de pedra perfeitamente esquadrejados e polidos. Aos poucos, de bloco em bloco, fui montada, fiz parte desde a fundação até enormes muradas.

Os pedreiros deram a obra por acabada, e eu finalmente contemplei a beleza, me sentindo plenamente satisfeita. De pedreira me transformei em templo, o Criador não me renegara a um fim frívolo, pelo contrário, me legou uma vida ainda mais santa, de Pedra Bruta a Pedra Polida. No meu interior, esses homens se reuniam e dedicavam seu trabalho ao Grande Arquiteto do Universo.

Eles me transformaram, e, hoje, sei que eles, sob minha proteção e abrigo, também se transformavam em seres humanos melhores. O trabalho na pedra os ensinava como trabalhar o interior de cada um, transformando-nos em templos vivos do Grande Arquiteto do Universo! ◆



Irmãos que
NÃO
lidam bem
com as
CRÍTICAS

Irmão Paulo Cesar Teixeira Ribeiro
Loja Quintino Bocaiuva, 10 – Oriente de São Paulo

Você é um irmão que não aceita críticas ou a verdade quando são faladas por um outro irmão? Então você precisa refletir a respeito disso!

Antes da reflexão, entretanto, é bom saber que uma crítica envolve um juízo intencional, no sentido de refletir sobre em que se deve crer ou de como reagir a um exame minucioso, a uma vivência, a uma manifestação oral ou textual, e até mesmo a proposições alheias. Ele também está ligado à definição do conteúdo e do valor do objeto da observação. Relativamente a certa conclusão ou raciocínio, esse pensamento avalia se há uma razão apropriada para acatar a tese como algo verdadeiro ou adequado.

Hoje, o termo “crítica”, infelizmente, vem com um sentido negativo, de reprovação, o que nem sempre corresponde à realidade quando se trata de pensamento crítico.

Essa forma de pensar não é construída sobre métodos intransigentes e velozes, e sim em concepções e preceitos. Ela não se vale tão somente da lógica, mas também de noções mentais mais vastas, tais como nitidez, confiabilidade, precisão, importância, valor expressivo. Além disso, exige exatidão, igualdade e indícios, uma vez que tem como meta impedir que se recorra às visões pessoais. Por meio dessa prática, o sujeito invoca os elementos cognitivos e o intelecto para atingir uma postura aceitável e compreensível acerca de uma dada proposição. Em outras palavras, o pensamento crítico não tem a intenção de transmitir uma visão pessimista do contexto nem apresentar uma tendência a achar imperfei-

ções e erros. Também não pretende modificar a mentalidade dos indivíduos ou ocupar o lugar reservado à afetividade e aos sentimentos.

Focando a Sublime Arte, sabemos que na Maçonaria há pessoas com muita dificuldade em aceitar e ouvir a opinião de outro irmão, e, de certo modo, podemos dizer que se sentir acuado frente a uma oposição tem também o seu grau de normalidade. Mas estou me referindo ao irmão que reage com intensidade frente à crítica. Para esse obreiro, mesmo os conselhos bem intencionados não são fáceis de ouvir, especialmente se não forem solicitados. Para ele, tudo o que se ouve são críticas consideradas negativas. Pode ser o Venerável Mestre dando alguns conselhos amigáveis sobre como fazer algo de forma melhor na próxima vez, ou mesmo um afetivo irmão querendo dizer algo que será útil para o criticado (embora seja desconfortável ouvir), ou mesmo um membro querido da loja tentando resolver um desentendimento qualquer. Tudo é visto como crítica ruim, oposição ou acusação.

Ouvir pensamentos críticos e ser criticado faz parte do dia a dia maçônico, principalmente quando estamos com nossos irmãos livres pensadores num ambiente de desenvolvimento pessoal como um Templo Maçônico; mas a verdade é que até podemos gostar de pensar que aceitamos facilmente as críticas, mas, ao contrário, a maioria de nós não é tão boa nesse quesito. Alguns a experimentam como um ataque pessoal, um comentário doloroso e, em alguns casos, vergonhoso, algo que machuca e incomoda.

Muitas vezes, quando se ouve o que parece ser uma crítica, as defesas aumentam imediatamente. O irmão que assim reage mira e rebate as críticas para bem longe, além do limite, e, simultaneamente (e inconscientemente), revê os próprios mecanismos de defesa (do tipo culpar os outros, fazer piadas, ficar com raiva, ficar indignado e todas as outras maneiras) a fim de evitar ouvir o que está sendo dito. Como é um processo inconsciente, é claro que não se sabe o que a pessoa está fazendo, todavia, ela está literalmente se defendendo da verdade que está sendo manifestada sobre ela mesma, com riscos de ser, ademais, uma expressão da própria vaidade narcísica. Creio que essa situação deve incomodar mais aquele irmão que, erroneamente, se sente como o eterno responsável pela loja ou pelos que são identificados como “donos de loja” – uma coisa que efetivamente não existe, pois uma loja é a assembleia de irmãos que a compõe.

Outros são apegados ao poder, sentem-se inseguros frente aos demais e preocupam-se excessivamente com a sua autoimagem, sem levar em conta que estamos entre irmãos numa Loja Maçônica e que a tolerância é uma das mais valorizadas virtudes entre nós.

Pode ser mais fácil ver isso acontecendo em outros irmãos, quando somos “expectadores”, pois estão além de nós mesmos. De fato, há irmãos que são espinhosos e difíceis de se aproximar, há alguns que rapidamente ficam perturbados com a sugestão de desafio e tem outros tão escorregadios que falar com eles é como correr atrás de um sabonete ao redor da banheira.

Talvez você possa até estar reconhecendo um pouco de si mesmo nessas descrições. Saiba, então, que, às vezes, as defesas são úteis, pois há momentos (uma reunião maçônica) e lugares (um templo) em que se deve evitar desafios

ou contendas desnecessárias. O problema surge quando não há a consciência do uso dessas estratégias defensivas, o que é típico de irmãos que não aguentam a verdade, não superam a vaidade, o narcisismo e a intolerância.

Vale a pena refletir: se as críticas são muito mais difíceis de ouvir, será que houve tempo suficiente para conhecer bem a si mesmo, incluído as partes “não tão boas”, enquanto lapidava a Pedra Bruta? O irmão refletiu sobre o que pode melhorar ou sobre os aspectos que deve mudar completamente? Se um irmão ainda não usou o seu malho e cinzel para conhecer-se e encarar as características pessoais, realmente quando alguém “tocar” num desses pontos a melhorar e focar a atenção neles, há o perigo de se perder a razão, chatear-se e até mesmo mostrar alguma agressividade, o que significa necessidade urgente de polimento na Pedra Bruta.

É possível mudar de atitude? Claro que sim! Quando estivermos em loja e formos confrontados com novas informações que desafiam as nossas posições, é claro que é sempre produtivo ouvir e tentar descobrir se há alguma verdade por trás disso! O fato é que (verdade seja dita) as pessoas não se conhecem tão bem quanto pensam. Da próxima vez, em vez de reagirmos negativa, agressiva e imediatamente às críticas, perguntemo-nos: Há algo nisso que pode ser útil para mim? Essas observações me ajudariam a ser um maçom melhor? São pontos que ainda não considerei na lapidação de minha Pedra Bruta?

Se pudermos fazer isso, estaremos sempre abertos às mudanças. E quando alguém está aberto para mudar, cresce constantemente como pessoa e como maçom, tornando-se mais sábio e

mais capaz de navegar pelo mundo e em seus relacionamentos como um verdadeiro e sábio mestre maçom.

Convém lembrar que a Maçonaria tem a intenção de tornar ainda melhores os bons homens, através de estudos, ensino e lições, e, principalmente, efetivar os valores através da aplicação deles no dia a dia, inclusive nos relacionamentos entre os irmãos. Nossos valores são baseados na integridade, justiça, verdade, gentileza, fraternidade e outros, tendo o amor fraternal entre os membros da Ordem como a Regra de Ouro. O que garante o sentimento de pertencimento à Maçonaria é aquilo que reforça a legitimidade da própria Ordem, e é através do contato com maçons, aceitando seus ensinamentos e filosofias de vida, que se gera um bom modo de conduta moral. Aqueles que se adequam a esse modelo se destacam e têm maiores chances de dar continuidade a esse aprimoramento pessoal dentro da Maçonaria.

Evidentemente, ninguém gosta de ser alvo de críticas. Mas também não se pode evitar que determinados aspectos do caráter de alguém ou da forma como ele se comporta não agradem a todos os irmãos com quem convivemos. Podemos, assim, adotar algumas medidas para reagirmos bem a esse fato inevitável na vida que é ser criticado.

O que fazer perante uma crítica?

- Estar convicto que uma crítica não é um ataque pessoal.
- Aceitar que não vai poder agradar a todos e que algumas características pessoais podem incomodar os outros.
- Pedir a algum irmão mais próximo que lhe diga se essa crítica

tem algum fundamento e que lhe ajude a aceitá-la caso tenha fundamento.

- Avaliar se o que lhe foi dito tem um fundo de verdade e se pode usar isso para melhorar. Se, pelo contrário, achar que é uma característica positiva, defenda-a e continue a agir como sempre.

- Se errar, peça desculpa. Isso fará com que a sua autoestima melhore, bem como a percepção que tem da sua capacidade perante conflitos e a imagem que os outros têm de si.

- Agradecer e reter a parte da crítica que o ajuda a crescer e evoluir.

- Não reter apenas as críticas: pense também em tudo o que faz bem, os seus êxitos, a sua capacidade de adaptar-se às mudanças e os seus pontos fortes.

Então, irmão, sempre que ouvir uma crítica, não leve para o lado pessoal nem considere o comentário como se fosse uma tatuagem que nunca vai sair de você. Tudo muda, as pessoas mudam, e você muda. Só que a questão é, como propõe a Arte Real, mudar para melhor, evoluir e não deixar que esses empecilhos da vida sejam obstáculos intransponíveis que não lhe deixam correr atrás de seus sonhos maçônicos e conquistá-los. Você pode o que quiser, acredite!

Concluindo, gostaria de reforçar que o primeiro passo é “parar” na próxima vez que você se sentir criticado, manter a calma, segurar o ímpeto de reagir e perguntar a si mesmo se existe alguma verdade nisso, mesmo que seja apenas um pouquinho. Aprenda a ouvir, classifique as informações úteis e deixe essas informações úteis “entrarem em sua mente”. Por mais dolorosa que a verdade possa ser a curto prazo, os benefícios de conhecer melhor a si mesmo serão fantásticos e duradouros. ◆



O SER QUE BUSCA E O MESTRE MENTOR



**Irmãos Danilo Chidichino Saltini Camargo
e Rodrigo Wolf Ribeiro**

Loja Honra e Glória, 835 - Oriente de Botucatu

Todo homem Aprendiz chega à Maçonaria com grandes expectativas. Ao analisarmos essas expectativas, podemos observar que todo homem que consegue a admissão maçônica, além de cumprir um anseio pessoal, está buscando algo que ainda não encontrou em nenhum outro lugar de sua vida profana.

Mas como a loja pode orientar o Aprendiz admitido e conduzir essa busca da Grandiosidade dos Estudos e da Sabedoria Maçônica? Como despertar no Aprendiz o desejo pelos estudos e a entrega de mente e coração abertos ao novo desafio?

Somente através de um relacionamento forte, amigável e solidário entre um Aprendiz e um Mestre Mentor é que a sabedoria tradicional será transmitida.

Entendemos que nos dias atuais, quando um Aprendiz se junta a uma loja, durante todo o processo ele teve um padrinho ou um proponente que o analisou e o qualificou como apto para ingressar em nossas fileiras.

Estando em nossas Colunas, a figura de um mentor que assuma o Aprendiz não como um irmão, mas sim como um filho, e o conduza em toda a jornada inicial, será o fator preponderante do desempenho e longevidade do mesmo.

O mentor tem a missão espiritual de cuidar do Aprendiz, assumindo a responsabilidade integral até torná-lo um Mestre. Por mais de 500 anos, a Maçonaria educou seus novos membros sobre as maneiras e práticas de nossa Ordem antiga e os ajudou a se beneficiar de suas diversas atividades nas áreas de Amor Fraternal, Alívio (Amparo) e Verdade.

No entanto, nos últimos anos, temos encontrado problemas reais, não somente no recrutamento, mas, principalmente, na retenção do novo obreiro.

Até os anos 80, não tínhamos muita dificuldade em encontrar candidatos bons e praticamente prontos. Os jovens levavam consigo a recomendação dos mais velhos sobre confiar e se entregar totalmente à busca da Maçonaria. As lojas tinham listas de espe-

ra e vários nomes de homens prontos, mesmo que tal ingresso pudesse levar anos para ser alcançado.

A partir dos anos 90, na denominada “Era Moderna da Informação”, isso mudou. Atualmente, candidatos em potencial não mais se interessam pela Arte Real, e o que é pior, muitos Aprendizes, vivenciando fatores antimaçônicos em nossas lojas, praticamente perdem a vontade de “buscar algo” e desistem da caminhada.

Porém, se quisermos sobreviver por mais 500 anos, precisamos rever nossa interação pessoal com o homem (Aprendiz) que busca algo na Maçonaria. Precisamos despertar no Aprendiz o amor, logo nos seus primeiros passos, pois, agindo em seu coração, o teremos pelo resto de sua vida junto a nós.

Esse é, sem dúvida, o papel para um único irmão em loja, um Mestre Mentor. Aquele que sente, ama e vive a Maçonaria em toda sua plenitude e poderá, através de um simples bate-papo, despertar no Aprendiz a certeza de que a sua busca terá êxito neste lugar.

O Mentor, de forma natural, exercerá a responsabilidade para apoiar e cuidar do novo membro, ensinando, a cada sessão, os nossos objetivos e finalidades. Ele terá em suas mãos a responsabilidade de ensinar ao Aprendiz admitido quem nós somos e o que nós fazemos. Ou seja, o Mestre Mentor terá a sublime missão de incentivar constantemente o potencial do escolhido, fazendo-o entender que a Iniciação foi apenas o começo de um interesse vitalício em nossa Arte Real.

Esse é o objetivo das lojas de hoje, esse é o caminho a ser seguido. Centralizar na figura de um Mestre Mentor a receptividade e orientação geral do Aprendiz, quando de sua chegada em loja.

Em outras palavras, o Mentor deve iluminar o “buscar algo” e alimentar no Aprendiz sua sede de conhecimento e estudos, desta feita, a retenção ocorrerá de forma totalmente natural.

Para melhor entendermos, é necessário que voltemos no tempo e mergulhemos nos ensinamentos ancestrais. No século 15, quando a Maçonaria pujava, não

havia uma educação formal dos artesãos da pedra. Mas o Estatuto de Schaw de 1.598 estabeleceu os primeiros deveres do Mestre para com seu Aprendiz. Foram determinados treinamentos em grupos de trabalho (lojas), onde os Aprendizes recebiam supervisão contínua e orientação. E o que torna isso mais interessante: sempre por um único irmão, denominado à época de Aprendiz Mestre.

Sempre juntos, quando aquele Aprendiz desenvolvesse suficiente habilidade e provasse sua compreensão e conhecimento do trabalho, acabaria se tornando Mestre e, por direito próprio, adquiria poderes para transmitir seus conhecimentos sobre o ofício para a próxima geração.

Esse é o modelo que a Maçonaria sempre usou para transmitir seu conhecimento através de novos proponentes até nos últimos anos da década de 80; porém, nos atuais tempos, caiu em total desuso.

Não podemos negar que nos últimos 20 ou 30 anos tem havido tentativas de melhorar e estimular a Educação Maçônica. Ainda, temos partido para um campo onde dependemos cada vez mais e mais do fornecimento de material *o n - l i n e*, sem enfatizar a neces-

sidade de interação pessoal entre o Aprendiz e seu Mestre.

A Maçonaria antiga sempre prestou atenção a esse fator de interação única e espiritual, entre um Aprendiz e um Mestre, com vocação para ensinar e fazer brotar o interesse e a vontade do saber.

Devemos sempre aprender com o passado. Não podemos agir apenas “jogando” livros e tutoriais on-line em nossos Aprendizes, ou ainda, dizendo que o papel é desse ou daquele Vigilante.

Devemos nomear um irmão diferenciado que goste de falar e viver Maçonaria para acompanhar continuamente o desenvolvimento do Aprendiz. Toda loja tem um irmão com essas características.

O Aprendiz busca algo muito maior do que ele estava acostumado a enxergar no mundo profano, e é o papel do Mentor fazê-lo visualizar e entender que essa sede de “buscar” pode ser suprimida na Maçonaria.

A Maçonaria é fortemente filosófica e, desta feita, uma das maiores ciências humanas já existentes. Devemos nos atentar que, para a maioria das pessoas (Candidatos/Neófitos/Aprendizes), a vida é muito mais complicada atualmente.

Trabalhamos e projetamos muito.

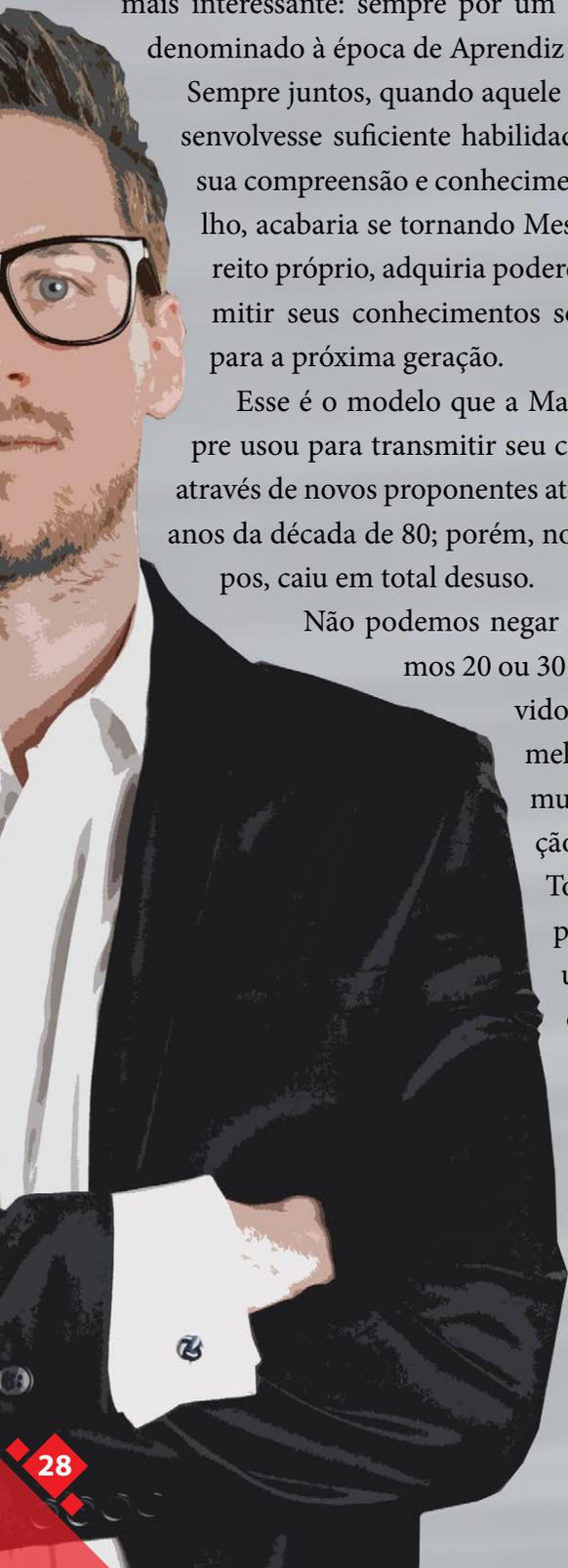
Nossa longevidade cresceu.

Mas com toda essa agilidade de tempo e espaço vem uma dura cobrança que, via de regra, tem seus reflexos recaindo em nossos templos.

Os compromissos são geralmente evitados a todo custo.

Numa época em que o emprego e a sua busca estão escassos e até os valores morais estão se perdendo, não surpreende que os homens não façam mais filas para ingressar em nossas Colunas.

Vivemos em época grave de doenças mentais (estresse e depressão) e pandemia.



Então, quando um candidato ao ofício entra em conexão com a loja, ele deve, de imediato, não aprender, mas se apaixonar pelo mundo que acabou de pisar.

A compreensão e o saber vêm com o tempo, mas a paixão é avassaladora e deve ser alimentada na chegada do Aprendiz.

O homem que busca algo, quando de sua chegada, não deve aprender o que é Maçonaria, nem pode receber um aviso prévio do que será esperado ou que benefício terá ao longo de sua vivência Maçônica; porém, ele deve se apaixonar e admirar aquilo que acabou de conquistar.

Evidenciamos a diária evasão maçônica pela falta de paixão do homem que buscava algo e não encontrou, quando de seus primeiros passos na Ordem.

Daí o papel no Mestre Mentor, o qual falará livremente e com paixão, quer seja entre Colunas, quer seja no momento do primeiro contato, quando da proposta ou do convite ao homem que buscava algo na vida profana.

Em outras palavras, o Aprendiz de hoje sente falta da chama acesa, da paixão, do brilho no olhar do Mestre ao falar, ao debater e até mesmo ao ensinar Maçonaria.

Para que a Maçonaria continue a prosperar, é importante que os novos membros aprendam (com paixão) sobre os fatores primordiais que a torna única: o Amor Fraternal, o Amparo e a Verdade.

Assim, mesmo que necessário pelos tempos atuais, não podemos restringir os ensinamentos maçônicos a videoaulas, palestras e demais aspectos que a Internet personifica.

A Maçonaria reflete essa ideia, quando instrui que todo pedreiro é preparado primeiro em seu coração, e no final de nossa busca maçônica, é

o nosso coração purificado que consagramos para entregar e servir a Humanidade.

Entre todos os ensinamentos maçônicos, nenhum é mais importante que o Amor Fraternal.

Vincent Van Gogh, ressaltando que tudo realizado pela causa do amor é verdadeiro e bem realizado, asseverou: “É bom amar muitas coisas, pois nelas reside a verdadeira força. Quem ama muito, realiza muito e pode realizar muito... O que é feito, apaixonado, é bem feito”.

A essência da doutrina maçônica é que todos os homens estão em busca de algo em sua própria natureza que eles perderam, mas que podem encontrar com as instruções adequadas e amor.

Essa visão é o relacionamento que deve existir entre o Aprendiz e o Mestre Mentor.

Devemos dar um passo atrás na corrida tecnológica e virtual, nos atendo mais à relação pessoal e resgatando urgentemente a figura passada do Mestre Mentor.

Somente assim conseguiremos sobrepujar a questão de como passarmos nosso amor pela Maçonaria para as próximas gerações.

Que o Amor Fraternal e o Mestre Mentor, prevaleçam sempre! ◆

Referência Bibliográfica:

O Primeiro Estatuto De Schaw (1598) -

<https://bit.ly/3pRus26>

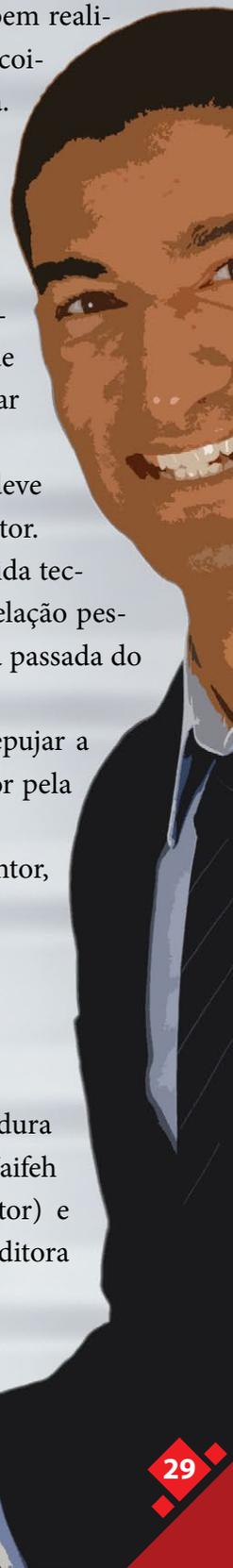
A Vida de Van Gogh (Português) Capa dura

(29 Novembro 2012) – por Steven Naifeh

(Autor), Gregory White Smith (Autor) e

Denise Bottmann (Tradutora) – Editora

Companhia das Letras.





Uma reflexão filosófica sobre o Mito da Caverna de Platão e a Maçonaria

Irmão Antonio Carlos Gonçalves Fernandes
Loja Cavaleiros do Alto Tietê, 439 – Oriente de Mogi das Cruzes

“Somos todos prisioneiros, mas alguns de nós estão em celas com janelas, e outros sem...”

(Khalil Gibran)

Em nossas reuniões maçônicas, quando são estudadas as nossas Instruções em loja, muitas delas de conteúdo místico, simbólico e filosófico, temos a possibilidade de relatar sobre o que é “a verdade”, e quem está falando ou ministrando a Instrução, normalmente, recorre à metáfora de Platão, um discípulo de Sócrates e autor de *A República*, onde encontramos “O Mito da Caverna”.

Antes de falar sobre o tema acima, é necessário refletir e indagar a respeito da utilização de símbolos e alegorias, recursos muito comuns dentro das instruções da Maçonaria para explicar diferentes conceitos, assim como Jesus, o Cristo, fazia com seus discípulos, através de parábolas.

Criar e usar símbolos e alegorias é uma função básica e natural da mente humana. Essa função se manifesta na religião, na arte, na conversa comum, na ciência. Sem símbolos e alegorias, não podemos pensar sequer sobre a nossa consciência de simples relações físicas ou expressá-las em nosso cotidiano.

A função humana de simbolizar e utilizar alegorias em nossas conversas é essencial à atividade da fase subconsciente da mente. A ignorância ou a repressão dessas funções simbolizadoras as tornam inconscientes e, portanto, fora do controle do indivíduo, podendo levá-lo a um relacionamento inadequado com o ambiente e os seus semelhantes (por confundir, inconscientemente, o seu mundo interior com a realidade objetiva).

A compreensão de si mesmo e do não-Eu é expressa por símbolos. Ao usarmos tais sím-

bolos, estamos também ajudando a aprofundar a nossa compreensão. Os símbolos são um produto da compreensão e um valioso e eficaz recurso para a dialética.

A percepção e a memória dependem parcialmente da simbolização. Símbolos mitológicos formulam conceitos sobre a natureza do universo e do homem, comunicam esses conceitos sob a forma de mitos, e essa comunicação, com sua fluidez visual, ajuda a instruir e lembrar.

A única maneira de o homem expressar sua consciência de impressões e experiências psíquicas e místicas é pela simbolização. Símbolos de harmonização, iluminação e união mística são usados para fins de meditação.

Vemos, portanto, que os símbolos cumprem diversas finalidades psicológicas essenciais na nossa vida em geral e, em particular, no nosso desenvolvimento.

Platão, quando tentava conceituar sobre a Verdade, utilizou a simbologia sobre o Mito da Caverna, (livro VII de *A República*), que é uma metáfora da condição humana perante o mundo no que diz respeito à importância do conhecimento filosófico e da educação como formas de superação da ignorância, isto é, a passagem gradativa do senso comum – enquanto visão de mundo e explicação da realidade – para o conhecimento filosófico, que é racional, sistemático, organizado e busca as respostas não no acaso, mas na causalidade.

Em síntese, de acordo com o Mito da Caverna, todos os homens, desde o nascimento

até a própria morte, estariam acorrentados de tal forma a não olhar para trás ou para os lados, vendo apenas a parede do fundo da caverna, lugar em que, sob o efeito de uma grande fogueira às costas desses mesmos homens, projetavam-se sombras. Os homens não sabiam ou não conseguiam ver as coisas e os seres reais. Eles achavam que as sombras eram uma expressão da própria verdade. Como em um teatro de sombras, acreditavam no que viam, condicionados desde o nascimento pela maneira tradicional em que viviam. Por trás desses seres acorrentados, alguns homens se movimentavam, os sofistas e os políticos, que manipulavam e também se utilizavam das projeções das sombras para o próprio benefício. Representavam aqueles que lutavam pela posse do poder, contribuindo ativamente para a continuidade de tal situação, já que enganavam, iludiam, persuadiam e manipulavam os homens que se encontravam acorrentados à condição de ignorância, mantendo-os em tal situação.

Em certo dia, um homem conseguiu, enfim, se livrar das correntes que o envolviam e, com muito esforço, saiu da caverna. Após quase ficar cego com a luz do Sol, ele então, finalmente, pôde vislumbrar a realidade verdadeira. Tempos depois, acabou retornando à mesma caverna onde havia empenhado tanto esforço para se livrar.

Mas, então, o que ele queria, o que ele buscava? Seu objetivo era o de esclarecer os ho-

mens, revelar a eles o que teve a oportunidade de conhecer. Mas, como foi recebido?

Aquele homem acabou sendo visto como um louco e, por isso, foi assassinado.

Essa é uma referência bem clara do processo que envolveu Sócrates, que teria morrido em função da ignorância dos homens comuns, ou seja, da maioria, e devido ao domínio e à manifestação exercida sobre eles por parte de falsos políticos e sábios ambiciosos.

Esse mito possui a forma de um diálogo imaginário, do qual participam o filósofo Sócrates e os irmãos de Platão, Glauco e Adimanto. Nele, é exposto um retrato da ignorância humana, que deve ser encarado como a metáfora das nossas vidas.

Diante das ideias que surgem através do estudo desse mito, deseja-se refletir sobre a ocasião em que fomos iniciados maçons. Imaginemos que, antes de entrarmos na Maçonaria, éramos prisioneiros, acorrentados desde o nosso nascimento em uma profunda e escura caverna.

Em nossa Iniciação, a venda sobre nossos olhos simbolizava, filosoficamente, o estado de ignorância do iniciando, ou melhor, a cegueira que estava em nós, perante o verdadeiro mundo, ou, ainda, a incapacidade de perceber a Verdadeira Luz.

A corda em torno do corpo simboliza o estado de escravidão do profano às suas paixões, erros e faltas, quando vivia nas trevas do mundo vulgar e profano. Significa, ainda, os preconceitos que estão enraizados no

homem profano, seu desejo de libertar-se de tudo isso, a sua capacidade de livrar-se da escravidão, a sua vontade de enfrentar as provas cotidianas, vencendo os obstáculos em busca de uma vida melhor, digna e elevada.

Bem parecido com o sentimento do prisioneiro da caverna relatada na alegoria, que estava prisioneiro em seu mundo, mas querendo se libertar a procura do mundo fora da caverna. Lembrando que a nossa primeira prova foi a “prova da caverna”, onde fomos levados a pensar a respeito de muitas coisas, inclusive sobre nossa vida, nossa morte e, simbolicamente, nosso nascimento para Maçonaria. Seria o mesmo que estarmos nos libertando do mundo profano, o melhor, saindo da nossa caverna.

As provas pelas quais passamos também podem representar nossa subida até a superfície. Nas palavras de Sócrates: “... se forem libertados das suas cadeias e curados da sua ignorância. Que se liberte um desses prisioneiros, que seja ele obrigado a endireitar-se imediatamente, a voltar o pescoço, a caminhar, a erguer os olhos para a Luz: ao fazer todos estes movimentos, sofrerá, e o deslumbramento impedi-lo-á de distinguir os objetos de que antes via as sombras”.

Faz-nos refletir muito o momento quando o Venerável Mestre e os Vigilantes pediram a Luz, e a Luz nos foi concedida, pois somente enxergávamos o vulto dos irmãos que estavam prontos a nos receber e nos acolher.

Assim como na caverna de Platão, em que o

prisioneiro ficou desacreditado pelos demais ao voltar para ela e contar que o mundo lá fora é totalmente diferente do que imaginam os acorrentados, isso acontece também com os maçons, que muitas vezes somos questionados por pessoas ignorantes que não sabem o que acontece na Maçonaria. E isso também faz parte do nosso aprendizado.

A sua misteriosa viagem, com inúmeros obstáculos até a saída da caverna, representa a Ascensão da Alma (ou seja, a prática das grandes virtudes), que, através da dialética, sobe, como nos degraus da Escada de Jacó, o conhecimento sensível até o inteligível e a contemplação das ideias de um mundo melhor, onde repousa o mundo dos arquétipos, idealizado pelo Criador, o Grande Arquiteto do Universo.

O Sol, fonte da luz, no Mito da Caverna representa a ideia primaz da razão. Sócrates é como o filósofo do mito, pois, segundo a própria história, ao tentar mostrar aos atenienses a Verdade, foi por eles julgado e condenado à morte.

Dessa forma, o Mito da Caverna toma consistência na simbologia da Iniciação como sendo a Câmara de Reflexões, visto que, ao dela sair, o maçom há de conhecer a Verdadeira Luz e, voltando ao mundo profano para instar os demais a saírem da escuridão, poderá ser tomado por louco e compelido à morte por seus antigos pares, dada a discrepância do conhecimento e da involução das sombras. ◆



**(EU) MAÇOM – SER OU
NÃO SER? EIS A QUESTÃO**

Irmão Samir Cury

Loja Colunas de São João Batista, 857 - Oriente de São Paulo

Acredito que todos nós, alguma vez na vida, já tenhamos nos deparado com a frase: “Ser ou não ser? Eis a questão”. Sim, estamos aqui nos referindo à tragédia *Hamlet*, de William Shakespeare (1564-1616), reconhecido por muitos como o maior dramaturgo e poeta de todos os tempos e autor de inúmeras obras, dentre elas, poemas, comédias, dramas e tragédias, tais como: *O Mercador de Veneza*, *Sonho de uma noite de verão*, *Romeu e Julieta*, *Julio César*, *Macbeth*, *O Rei Lear*, *Otelo*, *Ricardo III*, *Coriolanus* e *Hamlet*, dentre outras.

A finalidade desse texto é traçar um paralelo sobre alguns elementos da peça *A Trágica História de Hamlet, Príncipe da Dinamarca*, escrita em Londres entre 1599 e 1607, hoje conhecida somente por *Hamlet*, focando na famosa frase: “Ser ou não ser, eis a questão”, que é, incontestavelmente, uma das frases mais famosas da literatura clássica mundial. Para tanto, acrescento o termo “maçom”, como adjetivo, no início da frase, portanto: (Eu) Maçom. Ser ou não ser? Eis a questão.

Alguns estudiosos apontam que a versão mais antiga e original composta por Shakespeare, na primeira edição da peça *Hamlet* publicada em 1603, lia-se em inglês: “To be, or not to be, I, there’s the point” (Ser ou não ser, eu, aí está o ponto), e nesse caso ficaríamos com a adaptação: Ser ou não ser, maçom, aí está o ponto.



Foto: Pixabay - Chris Reading

Nesse drama-tragédia, a cena mais marcante que eternizou a famosa frase ocorre quando Hamlet encontra o crânio de Yorick, um personagem que havia sido seu criado e amigo na corte, mais especificamente, o bobo da corte, o qual, por sua vez, teve forte presença em sua vida, quando garoto.

William Shakespeare foi quem melhor definiu a posição do personagem junto aos poderosos, vez que ele destacou a figura dos bobos da corte dando a eles papéis importantes em muitas de suas obras.

O questionamento de Hamlet, ao segurar o crânio de Yorick e proferir a famosa frase, é sobre a vida e seu significado mais profundo, levando-o à refletir acerca da brevidade da vida, causando-lhe imensa angustia e fragilidade diante da morte, certa e inevitável para todos.

“Onde havia vida, só restam ossos”.

Para nós, maçons, uma situação simbólica semelhante tem início na Câmara de Reflexões, quando, ainda profano e na condição de candidato, temos o primeiro contato com aquele ambiente, marcadamente fúnebre, que nos induz a questionar a nossa breve vida e a certeza de sua finitude. Remete-nos, ainda, ao exame sobre atitudes passadas e tudo o que fizemos nessa existência e o que de importante deixamos de herança no sentido ético e moral. Na Câmara de Reflexões, o crânio também está posto, como em *Hamlet*, representando que onde havia vida, certamente, num dado momento, só restarão ossos e destes ossos o “pó volte à terra como a era e o espírito à Deus que o deu” (Eclesiastes 12:7).

Essa introspecção, proporcionada pelo ambiente simbólico da Câmara de Reflexões, é o primeiro passo da Iniciação maçônica que nos prepara para uma nova vida pautada pela virtude, a qual o futuro maçom se compromete a praticar. Trata-se de um momento simbólico de grande impacto sobre o iniciando, capaz de remetê-lo a uma análise profunda e útil sobre o novo modo de ser que deverá trilhar daquele momento em diante em sua jornada terrena.

A frase “(Eu) Maçom: Ser ou não ser? eis a questão” deve ser muito bem meditada, porque é, acima de tudo, um compromisso consigo

mesmo e com os futuros irmãos de Ordem. O maçom só fará bem à humanidade se mudar e aprimorar a si mesmo e, somente desse modo, será capaz de mudar o mundo. Seu exemplo de vida será uma luz que guia e esclarece aos que estão a sua volta. Essa é a herança e o testamento que o novo homem, renascido e renovado, o futuro maçom, deve deixar.

Ao se decidir pela vida maçônica, não mais agirá de maneira impulsiva e inconsciente sobre qualquer situação cotidiana. Desenvolverá sua capacidade evolutiva, valorizando o espírito sobre a matéria, não mais será escravo de paixões e distinções mundanas que iludem o intelecto e destroem a capacidade de sermos humanos.

Naquele ambiente escuro e lúgubre da Câmara de Reflexões, tal qual um túmulo, repleto de símbolos da mortalidade e de frases que objetivam o despertar da consciência, somos colocados no útero da Terra e, portanto, ao pó no qual tudo se transforma. Ali, os vícios de comportamento deverão ser enterrados definitivamente, a fim de que, após essa decisão, o futuro maçom parta para a viagem dos outros três elementos (o ar, a água e o fogo), que o conduzirá a sua nova existência, renascido e renovado em consciência, fortalecido em essência pela sua determinação, onde o trabalho diário sobre si mesmo será uma constante no desbastar das arestas e das asperezas de sua personalidade profana.

Ser maçom é adjetivo e, portanto, qualidade que exige predisposição, determinação, esforço e dedicação, e está contido na questão “(Eu) Maçom: Ser ou não ser?”, abarcando, assim, uma série de atitudes e atributos indispensáveis, tais como honestidade consigo mesmo e com todas

as pessoas ao seu redor, integridade e retidão de princípios, pensamentos, sentimentos e atitudes coerentes e congruentes.

Os laços de fraternidade, tão pregados na Instituição Maçônica, somente são reais quando se age com respeito ao próximo em todas as situações, sejam elas em momentos de convergência ou divergência de opiniões. A tolerância e o respeito ao próximo são a base da estrutura filosófica da Maçonaria.

Retornando à peça *Hamlet*, notamos que o grande dilema do protagonista tem início diante da descoberta da morte do pai que havia sido assassinado por causa da traição da mãe com o tio. A pergunta aponta para o valor de todas as coisas: riqueza, poder, status e saúde que parecem, de uma hora para outra, se transformar em nada, apenas ossos, morte e um cadáver inerte, imobilizado como o de Yorick, e, desse contexto, surge a famosa frase: “Ser ou não ser? Eis a questão”.

O significado se dilata para inúmeros outros, onde o existir ou mesmo o desistir são fatores a serem considerados. A grande dúvida existencial: Qual o propósito da vida? Qual a finalidade de disso tudo?

Se o contexto da frase se dá não mais na cena em que Hamlet se vê diante do crânio de Yorick, mas no momento que antecede sua visita a Ofélia, quando vai confessar-lhe que não a ama, mas que na realidade a ama verdadeiramente, nesse sentido a citação pode sugerir outros significados: devemos nos abster de nossos valores éticos e morais e agir por impulso, objetivando a vingança (proposta pelo fantasma do pai morto), mesmo que isso nos cause perdas significa-

tivas, como o amor de sua amada; ou devemos seguir nossa vida direcionando-a ao bem, independentemente dos reveses e decepções que a vida traz?

Embora seja semelhante, a mesma frase, agora em novo contexto, ou seja, aquele que antecede sua confissão de desamor à Ofélia, remete-nos a uma nova possibilidade de interpretação: amar ou não amar, confessar ou não confessar, assumir ou não assumir a vingança proposta pelo fantasma do pai? Defender seu amor, desistir dele ou agir pautado por vingança? Amar ou odiar, o que é mais importante?

Tudo já não interessa, pois o que importa é o que é preciso resolver naquele momento decisivo da existência. No caso de Hamlet, trata-se da escolha entre o amor à Ofélia ou a fidelidade ao desejo de vingança proposto pelo fantasma do pai.

Não é uma escolha qualquer, pois uma vez feita, tudo, definitivamente tudo mesmo, em sua vida pode mudar.

Na Maçonaria, o iniciando decidirá se será maçom, não por simplesmente ter passado pelo processo iniciático e estar registrado com carteirinha e cadastro na Maçonaria, mas pelo seu modo de pensar e agir coerentemente, racionalmente em perfeito equilíbrio e harmonia em todas as situações que a vida lhe apresenta, exercendo diariamente o controle racional e emocional através do desbaste das asperezas de sua



personalidade com o uso simbólico do maço, do cinzel e da régua de 24 polegadas.

Não é incomum observarmos discursos de fraternidade e respeito ao próximo vazios de sentimento e verdade. Discursos que disfarçam a inveja, o ódio e o desejo de vingança, ocultados através de palavras vazias de sentimento real e verdadeiro e repletas de interesses pessoais camuflados em detrimento do bem universal e, principalmente, maçônico. O maçom cala, reflete e só depois fala, ciente da responsabilidade de seus pensamentos, sentimentos e atitudes.

(Eu) Maçom: Ser ou não ser? eis a questão.

Veja que a questão “ser ou não ser”, fora de um contexto específico, pode não dizer muita coisa ou dizer muitas outras coisas, exatamente porque parece pretender abranger um questionamento profundo sobre nossa existência e atitude reflexiva diante da vida e da morte, seja essa morte física ou mesmo de atitudes em relação à vida. O desistir de algo é uma morte sem possibilidade de renascimento.

Somente quando a colocamos num contexto mais preciso é que surge o seu caráter concreto, singular, pulsante e especificamente existencial.

Com esse exemplo particular da literatura universal, iniciamos o dilema que o candidato à Maçonaria se encontra no momento de seu ingresso na Câmara de Reflexões. Ali, ele espera ser aceito e deseja tornar-se um maçom, no entanto, o questionamento apropriado seria ir no fundo de sua alma como em *Hamlet*. “(Eu) Maçom: Ser ou não ser? eis a questão” trata-se de atitude e comportamento, é ser humano

na essência, e isso abrange todas as qualidades inerentes de ser maçom, porém, sabedores de que somos falhos, nesse passo, temos a oportunidade de revisar nossos pensamentos e agir em congruência com os mesmos, abandonando as paixões mundanas, pois no final só restarão ossos. Como maçons, daremos sentido e valor ao que tem sentido e valor. A ilusão do mundo material não afetará nosso espírito. Valores como a amizade, a liberdade de pensar, a tolerância, a prudência, a coerência e a fraternidade elevam a nossa qualidade de vida e iluminam nosso caminho na vida.

“(Eu) Maçom: Ser ou não ser? eis a questão” precisa ser uma reflexão diária que exige atitude constante durante toda a vida, com determinação e vigilância sobre os próprios pensamentos, sentimentos e ações.

Pensemos nisso e decidamos se queremos ou não Ser Maçons ou somente estar na Maçonaria.

Somente conscientes da missão de Ser, com “S” maiúsculo poderemos ouvir a frase:

“Belo trabalho o vosso e o desses homens de avental, que importância dais tanto aos votos dos artífices...” (extraído da obra *Coriolanus*, escrita em 1608, por William Shakespeare). ◆

Biografia

Ritual de Aprendiz Maçom (Glesp)

SHAKESPEARE, William. *A Trágica história de Hamlet, Príncipe de Dinamarca* (1603). Disponível em <https://bit.ly/3t50WIp>.

_____. *Coriolanus* (1608). Disponível em <https://bit.ly/3743HAT>.



A Verdade

A REVISTA DO MAÇOM

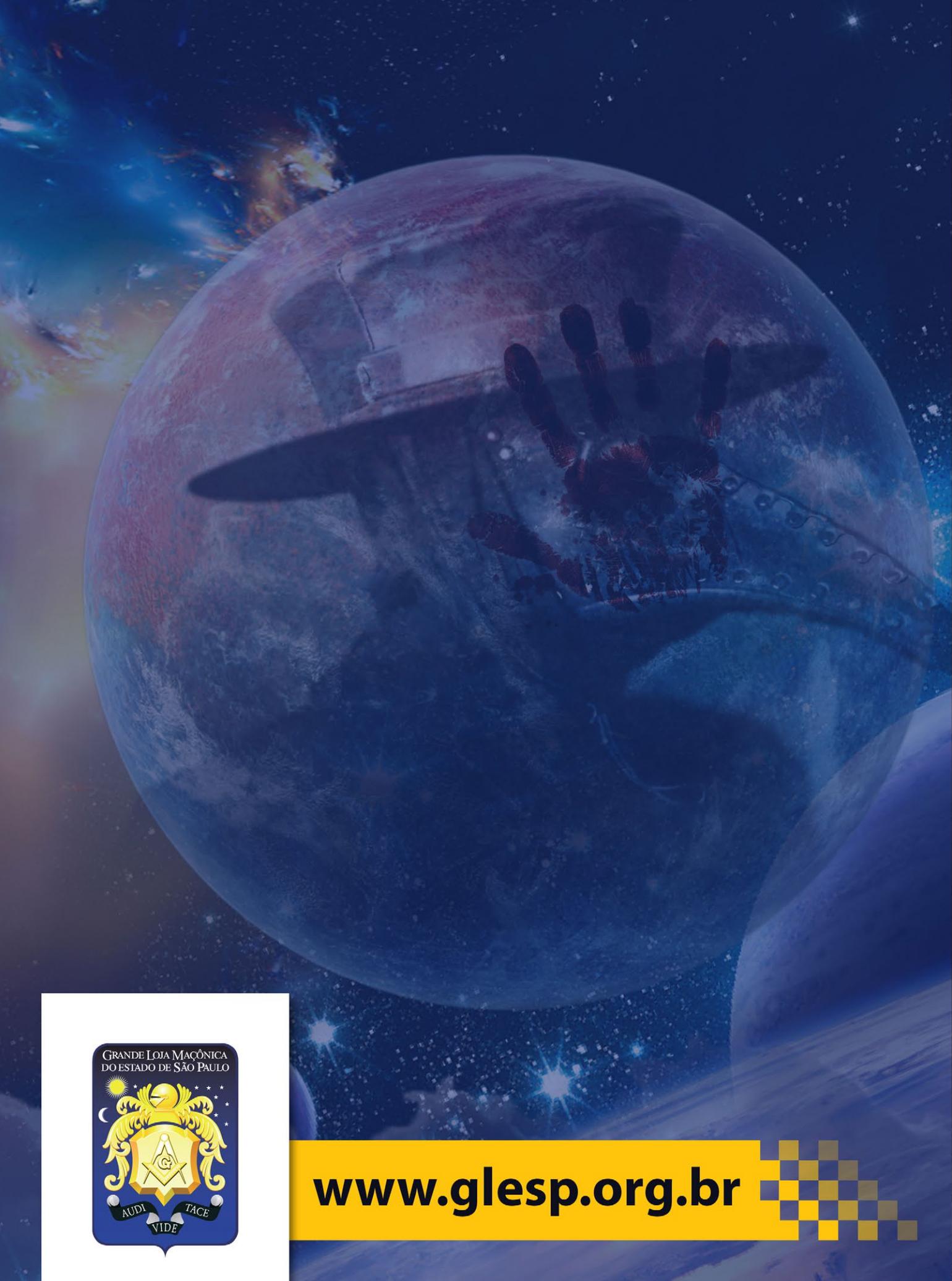


R\$ 106,15

Revista em
formato digital

- Jornalismo, informação e estudo
- O pensamento dos mais conceituados autores da Maçonaria contemporânea
- História, ritualística, simbologia, filosofia e muito mais...

Para obter a assinatura anual (6 edições digitais) envie cheque nominal à Grande Loja Maçônica do Estado de São Paulo, no valor de R\$ 106,15, juntamente com seus dados (nome, endereço completo, telefone, e-mail, loja, oriente e potência) para a Caixa Postal 2.774, CEP 01031-970, São Paulo, SP.



www.glesp.org.br

